

A LITERATURA INDÍGENA INFANTIL DE ELIANE POTIGUARA

Nome da autora: Edilaine Cardoso de Almeida Galli
e-mail: edilainegalli1@gmail.com

Nome da orientadora: Priscila Finger do Prado

Linha de Pesquisa: Estudos literários, Literatura, História e Memória

*A mulher que ouve a sua intuição,
que percebe os seus sonhos, que ouve a voz
interior das velhas e das mulheres guerreiras
de sua ancestralidade e que possui o olhar
suspeito dos desconfiados, essa sim, é uma
ameaça ao predador natural da história e da
cultura.*

Eliane Potiguara

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a Literatura Infantil Brasileira, buscando valorizar os povos originários e suas culturas, como a obra *O pássaro encantado* (2014), de Eliane Potiguara. Este livro apresenta a vivência de povos indígenas que possuem uma relação sagrada com seus antepassados e que buscam, na natureza, a explicação para as suas indagações afetivas e emocionais. Desta forma, tratam a natureza como algo sagrado que deve ser preservado. Para este trabalho, primeiro apresentamos como referencial teórico o livro *Literatura indígena brasileira contemporânea* (2018), organizado por Julie Dorrico, Leno Francisco Damer, Fernando Damer e Heloísa Helena Siqueira Correia, depois, realizamos a análise do livro *O pássaro encantado* (2014), de Eliane Potiguara, buscando identificar como a ancestralidade se faz presente, como forma de verificar como a Literatura Infantil é enriquecida com a pluralidade da produção literária indígena. A análise da história de *O pássaro encantado* tem uma situação de conflito que é resolvida a partir da busca de elementos da natureza que fazia parte do passado, mas que, para os povos originários, estes elementos possuem outro sentido, especialmente o pássaro que representa a ancestralidade, traz as respostas para dar continuidade, que algo bom está por vir, que tudo está em harmonia novamente. De modo a concluir que a história convida à reflexão de que, se pensássemos e agíssemos um pouco mais como os povos originários, respeitando a natureza, os animais e, em especial na obra, os pássaros, poderíamos ser privilegiados com mundo de pessoas melhores, que buscam observar a natureza para encontrar as respostas para os desafios do mundo contemporâneo.

Palavra-chave: literatura indígena; ancestralidade; povos originários; Eliane Potiguara, *O Pássaro Encantado*.

Introdução

No artigo *Literatura infantil: origens e tendências*, de Scheila Leal Rodrigues, Carla Rosane da Silva Tavares Alves, Antonio Escandiel de Souza, Sirlei de Lourdes Lauxen e Berenice Geschwind Basso (2013), é apresentado um percurso histórico da Literatura Infantil no Brasil. Esse tipo de produção literária surgiu com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada de D. Joao VI, que trouxe na bagagem as adaptações das obras portuguesas (Rodrigues *et al.*, 2013, p. 3). Alberto Figueiredo Pimentel foi um dos primeiros autores a fazer adaptações, publicando traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como *Contos da carochinha*, *Histórias da avozinha*, *Histórias da baratinha* (Rodrigues *et al.*, 2013, p. 3).

Segundo os autores, no Brasil dos anos 1920, surge Monteiro Lobato, com a obra *A menina do narizinho arrebitado*. Tal livro busca valorizar a cultura brasileira, uma vez que o autor se considerava um nacionalista. Lobato desenvolve aventuras para as crianças brasileiras, considerando as características típicas do país, e buscando integrar costumes do campo e lendas do nosso folclore. O novo *boom* na literatura infantil nacional só acontece na década de 1970 (Rodrigues *et al.*, 2013, p. 3).

Somente após a década de 70 outros autores se destacam, de modo a enriquecer a Literatura Infantil no país, a partir de temas atuais que buscam passar conhecimento ou valorizar elementos de nossa história e cultura Rodrigues *et al.*, 2013, p. 4).

Para os autores, há pelo menos duas tendências na Literatura voltada para a infância:

Uma dessas tendências é o tradicional conto de fadas, mas atualizado, com características da nossa época, a exemplo de *Chapeuzinho vermelho*, de Patrícia Gwinner, cujo teor é a preocupação com a proteção dos animais. A *Fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida, é outro exemplo, no qual a fada é moderna e dotada de ideias revolucionárias. Outra tendência de nossa literatura infantil é a sua intenção em despertar, no leitor, uma visão mais crítica da realidade, como se verifica em *O último broto*, de Rogério Borges, enfocando a destruição do meio ambiente, sem deixar de lado a fantasia, o humor e a poesia. “Ao mesmo tempo em que a criança ri, sonha e se diverte com a literatura atual, está também não se omite de convidá-la a olhar ao seu redor e refletir sobre o que está acontecendo, bem como fazia o precursor Lobato” (Frantz, 2001, p. 71 *apud* Rodrigues, 2013, p. 3).

As produções de boa qualidade vêm emergindo cada vez mais na Literatura Infantil Brasileira, com vários enfoques, também agora buscando valorizar os povos originários, como na obra *O pássaro encantado* (2014), de Eliane Potiguara. Este livro apresenta a vivência de povos indígenas que possuem uma relação sagrada com seus antepassados e que buscam, na natureza, a explicação para as suas indagações afetivas e emocionais e, desta forma, tratam a natureza como algo sagrado que deve ser preservado.

Para este trabalho, primeiro apresentaremos como referencial teórico o livro *Literatura indígena brasileira contemporânea* (2018), organizado por Julie Dorrico, Leno Francisco Damer, Fernando Damer e Heloísa Helena Siqueira Correia, depois, realizaremos a análise do livro *O pássaro encantado* (2014), de Eliane Potiguara, buscando identificar como a ancestralidade se faz presente, como forma de verificar como a Literatura Infantil é enriquecida com a pluralidade da produção literária indígena.

A literatura indígena brasileira

No livro *Literatura indígena brasileira contemporânea* (Dorrico et al., 2018) , os autores destacam a literatura indígena a partir da concepção de autoria. Segundo Dorrico et al., no capítulo 14, intitulado “Vozes indígenas: do registro etnográfico à criação literária”, no início a literatura sobre os povos originários só existia como registro etnográfico, captado por viajantes e missionários. Somente depois passou a existir no Brasil como criação literária por parte de escritores indígenas propriamente. Segundo a leitura que Julie Dorrico faz de Behr (2017, p. 229), a literatura indígena pode ser dividida em três momentos: “o da narração de mitologias, a literatura que emana de projetos pedagógicos e a produção de escritores autoproclamados indígenas”.

Há uma diferença entre a literatura sobre os povos indígenas e a literatura dos povos indígenas. No século XIX, o crítico brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagem salientou que a literatura indígena era muito rica mesmo antes da chegada dos portugueses, sendo que o canto épico era o gênero literário mais utilizado, ainda que fosse disseminado pela fala e não pela escrita. Segundo o autor do artigo: Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen:

Os indígenas tinham um gênero de poesia que lhes servia para o canto; os seus poetas, prezados até pelos inimigos, eram os mesmos músicos ou cantores que em geral tinham boas vozes, mas eram demasiadamente monótonos; improvisavam motes com voltas, acabando estas no consoante dos mesmos motes. O improvisador, ou improvisadora, garganteava a cantiga e os mais respondiam com o fim do mote, bailando ao mesmo tempo e ao mesmo lugar em roda, ao som de tamborins e maracás. O assunto das cantigas era em geral as façanhas de seus antepassados; e arremedavam pássaros, cobras e outros animais, trovando tudo por comparações etc. (Varnhagen, 1847).

Portanto a Literatura sobre os povos indígenas poderia elencar uma série de obras do Romantismo Indianista, por exemplo, que idealizavam os povos originários como modelos de heróis e musas pela *Áurea mediocritas*.

A partir das vozes emergentes dos indígenas na literatura, busca-se apresentar e expressar a sua temática cultural, política, como aponta Julie Dorrico:

A de caráter ancestral, que influencia a escrita das narrativas e das poesias de modo criativo; e a de caráter histórico, que denuncia metalinguisticamente a violência perpetrada contra os povos indígenas dentro desse corpo criativo (Dorrico *et al.* 2018, p. 229).

A citação acima aponta o quanto a literatura indígena possibilita, aos povos originários, a oportunidade de fala, de modo a expressar a sua cultura, seu modo de viver e de valorizar suas lideranças, assim como denunciar a violência histórica que sofreram e ainda sofrem, pois foram retirados de suas terras de forma abrupta e relegados a um território reduzido, que ainda sofre com a poluição produzida por não indígenas.

Uma notícia recente sobre essa opressão histórica a quem se prende à terra no país aparece na reportagem feita pela G1 de Minas Gerais, intitulada *Brumadinho: comunidade indígena às margens do rio atingido pela lama enfrenta mais um rompimento, o de rituais*, publicada em 26 de janeiro de 2024, por Leonardo Milagres e Rafaela Mansur. A notícia destaca que a ruptura da barragem na cidade de Brumadinho atingiu a comunidade indígena que vive às margens do Rio Paraopeba, prejudicando sua população em vários setores, pois ela dependia do meio para sua sobrevivência. A ruptura da barragem e a impunidade deste crime ambiental é mais um exemplo do quanto os povos originários sofrem as consequências das ações predatórias de certos grupos da população brasileira.

A tragédia vem mais uma vez tentar aniquilar os povos indígenas, mesmo que de forma não intencional, pois rompe com os costumes e rituais dos povos Pataxó e

Pataxó Hã Hã Hãe, comunidades que viviam à beira do rio afetado, uma vez que sua relação com a água é determinante para sua subsistência. Os indígenas que moravam na proximidade da área atingida cultivavam, caçavam e pescavam na região, bem como praticavam rituais, como o *Awê*, em que se reuniam para cantar e dançar, o que era considerado um elemento fundamental de tudo o que realizavam. Pelo depoimento do líder dos povos indígenas cacique *Sucupira* da Aldeia Naô Xohã, podemos perceber essa relação:

O rio tem uma grande importância para nosso povo porque representa o Txopai. O Txopai é um deus que criou o Pataxó de um pingo d'água, então, não tem preço. Hoje, a gente vem aqui na beira do rio e vê um velório, um velório diante da nossa comunidade que não tem volta. Ele não vai recuperar nunca", afirmou o cacique¹.

O motivo pelo qual o povo indígena não pode utilizar a água do rio foi apresentado pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas (IGAM) em 2014, que recomenda a não utilização da água bruta do rio Paraopeba para qualquer fim, no trecho de Brumadinho até Pompéu, há aproximadamente 250km de distância. O órgão aponta que, nos períodos chuvosos, aumentam as concentrações de turbidez, sólidos em suspensão, manganês, ferro dissolvido, alumínio dissolvido e chumbo na água.

Apesar dessa situação, é nítido, na fala do cacique *Sucupira*, a intenção de permanecer na sua comunidade resistindo e honrando as águas, o ar e a terra como podem. Ainda na notícia, afirma que

A minha esperança é ter um território, que a gente volte com nossos costumes, nosso *Awê*, ter contato com o solo, voltar a banhar no rio, ter a festa das águas na comunidade, reunir com outros povos Pataxó e Pataxó Hã Hã Hãe e ter a reparação justa. Isso é meu sonho e meu desejo.

Acompanhando estes acontecimentos recentes percebe-se o quanto são necessários a valorização e o cuidado com os povos originários, assim como a necessidade de utilizar o recurso da literatura para manter a sua cultura, a sua essência, pois muitos dos povos originários ainda são retirados de suas terras, ou mais grave ainda, privados do que é essencial para manter a sua cultura e tradições.

¹ Milagres, L.; Mansur, R. **Brumadinho: comunidade indígena às margens do rio atingido pela lama enfrenta mais um rompimento, o de rituais.** g1 Minas I. 2024. Disponível em: [Brumadinho: comunidade indígena às margens do rio atingido pela lama enfrenta mais um rompimento, o de rituais | Minas Gerais | G1](#). Acesso em: 18 out. 2024.

A literatura indígena também atua positivamente para os povos originários, pois valoriza a sua cultura e oportuniza a alteridade, ou seja, a possibilidade do leitor colocar-se no lugar do indígena, vivenciar sua maneira de pensar e de agir diante dos vários obstáculos que enfrentam no dia a dia. Também encontra a possibilidade de realizar um diálogo intercultural e de fazer uma crítica ao sistema dominante.

Segundo a leitura que Julie Dorrico (2018) faz de Regina Dalcastagné, a literatura indígena brasileira contemporânea pode ser vista como uma expressão vinculada ao lugar de fala em que o sujeito indígena se coloca como peça principal e se propõe a uma relação de ancestralidade, além de buscar desenvolver suas narrativas sem mediações alheias. Dessa forma, o lugar de fala indígena é a sua ancestralidade, das pertencas étnicas, uma vez que, antes de serem brasileiros, são munduruku, potiguara, guarani, sateré-mawé, dessana, kambeba. Essas diferenças são retratadas na literatura brasileira indígena por escritores e escritoras empenhadas em preservar e divulgar essas tradições e práticas de modos de viver diversos.

Ainda segundo a autora Dorrico (2018), Munduruku (2017) aponta que os autores indianistas pretendiam ser os porta-vozes da cultura indígena, mas queriam representar de acordo com os pressupostos da matriz ocidental, que queriam justificar a colonização. Para esses autores era comum pensar que, “ao adotar os costumes sociais do não indígena, eles [os povos originários] desapareceriam, pois estariam integrados/civilizados e, assim, destituídos de sua alteridade e cultura” (Dorrico, 2018, p. 234). Isto é um equívoco, porque os povos originários tinham a sua forma de viver e já estavam adaptados a suas terras e estava funcionando bem, que não era necessário mudar ou perder a sua identidade, mas sim valorizados e preservados.

Outra forma de categorizar a literatura que representa o indígena é dada por Julie Dorrico, no capítulo *Vozes indígenas: do registro etnográfico à criação literária*, para ela existe uma literatura indianista, uma literatura indigenista e uma literatura indígena propriamente.

A autora (2018) define que a literatura indianista é a produzida por escritores não indígenas, mas que são porta-vozes dessa cultura e que fazem parte do movimento do Romantismo brasileiro. Este movimento coloca a figura do indígena como herói nacional, simbolizando a pureza e a liberdade do Brasil pré-colonial. Podemos citar os autores como José de Alencar, porém se nos debruçarmos na história e na crítica romântica indianista, veremos que Gonçalves Dias se destacou ainda mais que Alencar, visto que reproduziu falas, cantos e rituais indígenas em seus

poemas, ganhando notoriedade também na Europa, enquanto Alencar buscava uma espécie de apaziguamento entre o branco e o indígena. Na literatura indianista, Gonçalves Dias, foi um poeta que também incorporou a figura do indígena em seus poemas, outro autor foi Bernardo Guimarães, que também escreveu dentro da estética indianista, valorizando o indígena como elemento nacional. Tão importantes quanto esses autores foram Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre, também representam o indígena nas suas obras.

Já a literatura indigenista, segundo a autora, também traz escritores não indígenas, mas que buscam se aprofundar nesse pensamento a partir de sua perspectiva, tentando penetrar em sua cosmologia para divulgar essa cultura. A literatura indigenista possui uma abordagem mais realista e crítica da situação dos povos indígenas, refletindo suas lutas, tradições e opressões. São exemplos de autores da literatura indigenista: Mário de Andrade, que retratou questões indígenas em sua obra, abordando tanto o folclore quanto as questões culturais indígenas; e Manuel de Andrade, que foi um poeta que retratou os sofrimentos dos povos indígenas em sua luta contra a invasão e colonização europeia, em obras como *Grito de Guerra: Poema da raça indígena* (1934).

Por fim, a literatura indígena propriamente é aquela em que a produção escrita por indígenas se dá em sua língua original ou em versão bilíngue. Pode abranger todos os gêneros: poesia, narrativa, teatro e ensaio. São autores indígenas Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Márcia Kambeba e Eliane Potiguara.

É, pois, como Literatura Indígena que devemos ler a obra de Eliane Potiguara, autora que escolhemos para estudar neste trabalho. A autora pertence ao povo indígena potiguara, que se localizava em uma grande faixa do litoral da região Nordeste, embora tenha nascido no Rio de Janeiro, pois sua família foi forçada a migrar, vítima da violência dos homens brancos contra a população indígena do estado da Paraíba. Já na capital do Rio de Janeiro, começa a exercitar a escrita ainda na infância orientada pela avó Maria de Lourdes, que sugeria a ela escrever cartas a seus familiares paraibanos para assim manter o vínculo, apesar da distância, e não se afastavam das tradições. A avó, como referência de luta e ancestralidade, é figura central na produção literária da escritora. Eliane Potiguara concluiu a graduação e licenciatura em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano

de 1979 e se tornou professora da rede municipal de educação, segundo Carol Correia 2022 no texto: *Eliane Potiguara: a voz da mulher indígena*.

Além de professora, dedicou-se à poesia, à contação de histórias, à escrita, à maternidade e aos outros cuidados familiares. Também atuou em diferentes frentes de luta pelos direitos dos povos indígenas. Durante sua trajetória de ativista, fundou o Grupo Mulher-Educação Indígena em 1988. Neste mesmo ano, foi nomeada uma das dez mulheres do ano de 1988, sempre buscando reivindicar os direitos humanos e indígenas, atuando na educação e na Literatura. Com o apoio da Unesco, Eliane Potiguara foi a criadora do primeiro Jornal Indígena e Boletins conscientizadores, assim como cartilhas de alfabetização indígena no Método Paulo Freire (Correia, 2022).

Em sua trajetória como escritora, Eliane Potiguara publicou vários livros e poemas, que abordam temas relacionados à identidade indígena, à sua luta para manter suas tradições e cultura, bem como o tema da espiritualidade, da ancestralidade e do feminismo (Correia, 2022).

Ela publicou mais de 5 livros, dos quais destaca-se a obra *A terra é a mãe do índio* (1989) foi premiado pelo PEN CLUB da Inglaterra. A obra fala da doença da Terra, que foi invadida pelos homens que destroem a natureza e a esperança na cura. *Metade cara, metade máscara* (2004) apresenta os testemunhos de caminhos enfrentados pelos povos originários e a luta para manter a sua identidade. Em suas obras, também evidencia a importância do papel da mulher indígena para manter a continuidade das suas tradições, sempre se conectando com a ancestralidade (Correia, 2022).

A autora também produziu livros voltados para o público infantil, como *O coco que guardava a noite* (2012), *A cura pela terra* (2020) e *O pássaro encantado* (2014). O primeiro deles é baseado em uma lenda karajá, que apresenta o mistério da descoberta da noite, com narrações sobre o caminho mágico, de realidades e fantasias da cultura indígena. O livro *A cura pela terra* (2020) fala sobre uma menina curiosa, que gostava de ouvir histórias de sua avó e quer entender o sentido da vida, por isso gosta de ouvir as histórias de seu povo, de como enfrentou o sofrimento, também conhecer as sabedorias dos ancestrais para conseguir a cura do seu bem mais precioso a terra. Já o livro escolhido para ser analisado neste trabalho, *O pássaro encantado* (2014), traz a avó com figura essencial para manter os costumes e memórias, que representa a ancestralidade.

O livro *O pássaro encantado* é um dentre muitos outros que representa a importância da Literatura indígena, de modo a valorizar os povos originários e compreender seus costumes e maneiras de viver. Na sequência, apresentamos sua análise.

O pássaro encantado: ancestralidade na narrativa de Eliane Potiguara

A história se passa em uma aldeia indígena, onde as crianças brincavam alegres, mas são interrompidas por um canto de pássaro estranho. As crianças a princípio se assustam, mas a sábia avó já aparece para acalmar as crianças, contando a história do pássaro, portador da ancestralidade de seu povo, que anuncia novidades: algo novo está por vir para alegrar a aldeia. No decorrer da história a escritora narra as fases da vida, como acontece com o luto, por exemplo, sempre colocando a avó como peça indispensável, pois é ela que transmite os costumes as tradições e lições de vida.

No caso da chegada do pássaro, ela comenta a passagem de uma época na qual a tribo ficou muito triste devido a perda do pajé, homem sábio que era muito importante para o grupo. Por esse motivo, os adultos estavam tristes, mas as crianças, que não riam e, em especial, não entendiam o porquê daquele sofrimento. Então, a avó vai buscar na mata a solução para aquele momento junto aos elementos da natureza, onde para eles estava a resposta para tudo. Na mata, ela recorda sua infância, momentos alegres e pessoas importantes para ela. Neste momento mágico, surge o belo pássaro com o seu canto extraordinário, que representa a sua ancestralidade, e vem representar a avó e o seu povo, pois seus entes queridos se fazem presentes nos elementos da natureza, e é tempo de recomeçar, viver algo novo, se alegrar. A avó volta para a aldeia levando a novidade para alegrar o seu povo.

Potiguara traz a literatura como um meio para transmitir os conhecimentos dos seus ancestrais e deixar registros das suas histórias de vida. Segundo Márcia Wayna Kambeba no capítulo 3 *Literatura indígena: da oralidade à memória escrita*, este é um papel essencial da literatura indígena, pois os escritores, em outros tempos, passavam os seus costumes de forma oral, de geração em geração nas suas aldeias, onde as pessoas mais velhas, os avós, representavam seus ancestrais, agora estes indígenas deixam seus registros nos livros para o seu povo e os demais que desejam conhecer o seu modo de vida e compreender sua cultura (Kambeba, 2013, p. 39).

No texto intitulado *Literatura indígena - a voz da ancestralidade*, de Tiago Haiky, destaca-se que a literatura indígena abre um leque de oportunidades para o escritor apresentar todas as peculiaridades dos seus povos, basta o leitor usar a imaginação para conhecer mais de sua oralidade, observar os ritos e grafismos e sons de floresta. Assim, também pode representar o sentido de ancestralidade, que está descrita nos livros e se perpetua na história, na qual as novas gerações de indígenas que, atualmente, não conseguem mais viver nas suas aldeias e florestas para manter a sua cultura, podem conhecer um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários (Haiky, 2018, p. 37).

No início do livro *O pássaro encantado*, há uma situação de harmonia:

No meio da mata, as crianças brincavam bem perto da casa onde moravam. Adoravam jogar bola e peteca. E riam...riam...riam... As mães e algumas meninas, abaixadas no chão, preparavam o peixe moqueado e o beiju com a farinha de mandioca. Os pássaros cantavam. Era uma alegria só! O sol brilhava, as nuvens viajavam.

- Crianças! Está na hora de comer! – chamou uma das mães.

As crianças correram para ver quem chegava primeiro e riam... Como riam as crianças!

De repente, no meio do silêncio da natureza, surgiu o som de um pássaro (Potiguara, 2014, p.6).

Segundo Tiago Hakiy (2018, p. 37), para os indígenas o pássaro representa a ancestralidade, portanto um texto que dá destaque para esse animal valoriza os seus antepassados. Pois, para eles, estão presentes no canto dos pássaros que transmitem a alegria e esperança dos povos originários. Isso acontece no livro *O pássaro encantado*, uma vez que a autora apresenta a figura do pássaro como algo novo e belo, que vem para alegrar a vida dos integrantes da aldeia, que faz recordar dos ensinamentos dos ancestrais, e são esses ensinamentos que vão nortear o futuro. Na sequência, é destacado o canto do pássaro:

[...] que cantava muito alto e anunciava o florescer de algo novo:

- fiuuuuú... fiuuuuú... fiuuuuú...

Um momento mágico e bom para a comunidade. Sentia-se no ar aquele frescor. Mas as crianças levaram um susto com aquele canto!

Imediatamente, do meio da mata, a avó apareceu e disse:

- Não se assustem, crianças! É o pássaro que vem de longe!

Nesta fala da avó, orienta as crianças para celebrar a chegada do pássaro, pois ele representa algo novo melhor alegre (Potiguara, 2014, p.7, grifo nosso).

Nesta parte do livro, o narrador apresenta a importância da narração feita pela avó, que é a porta voz da ancestralidade e dos povos originários, os quais utilizam da

narração para promover a valorização das culturas indígenas e manter a suas tradições.

Na sequência, a história apresenta o Grande Avô como um parente importante:

Num tempo muito antigo, todas as crianças da aldeia estavam muito quietas e sérias. Elas não brincavam com seus brinquedos, não corriam como antes e nem pulavam nos rios. Nem um sorriso elas davam... E criança parada é sinal de algo que não vai bem!

Elas estavam assim porque o Grande Avô tinha morrido (Potiguara, 2014, p.8).

Na visão da autora, o grande Avô era muito especial para todos da tribo, era um parente importante. Parente, para os indígenas, representa uma noção de coletividade, união e solidariedade entre os membros das diversas nações indígenas, para a autora também representa uma noção de irmandade, na qual todos que compartilham da mesma herança cultural e histórica são vistos como uma grande família.

Segundo Tiago Hakiy (2018, p. 37) o grande Avô agora representa a ancestralidade, os guardiões da sabedoria, que um dia trilharam o caminho anterior às gerações atuais e que deixaram um legado de conhecimento, espiritualidade e resistência, eram eles que possuíam os segredos da terra, da natureza e dos saberes tradicionais que orientam os indígenas em sua relação com o mundo e com o sagrado.

Na sequência da história, a obra apresenta o momento de luto e tristeza vivenciado na aldeia pela perda do Grande Avô:

Todos sentiam muito a falta dele, que era o pajé da comunidade, aquele que curava e conversava com todos.

Era normal que as pessoas ficassem dias e meses meditando sobre a morte dos parentes. Era um momento de reflexão sobre a passagem da pessoa pela vida, o que ela construiu, como contribuiu para o bem-estar da família, como amou seus filhos, netos e bisnetos... Mas as crianças não entendiam as coisas dessa maneira (Potiguara, 2014, p.8).

A autora representa na obra o luto que passa com os integrantes da tribo devido a perda do Grande Avô, a partir da necessidade de trabalhar o letramento emocional, ou seja, o entendimento das emoções vivenciadas pelas crianças que ainda não compreendem ações dos adultos, ou para entender o luto. Potiguara explora a importância de compreender os próprios sentimentos, reconhecer as emoções e lidar com as fases da vida, especialmente em contextos de lutas históricas e traumas coletivos. O processo de se alfabetizar emocionalmente envolve não

apenas a identificação e nomeação das emoções, mas também o entendimento das relações pessoais e como alguns momentos podem impactar as comunitárias.

Na sequência da história de Eliane Potiguara a avó vai buscar as respostas na mata com os elementos da natureza para se reconectar com a ancestralidade: “Só viam a tristeza. Certo dia, a Grande Avó, muito triste, foi para a mata” (Potiguara, 2014, p.11). Em seguida, descreve o momento em que a avó vai para a mata para se reconectar com a ancestralidade

Lá havia animais, frutas, árvores gigantes e rios. Também havia os seres encantados, os espíritos da floresta, das pedras, das águas, das cachoeiras e os espíritos dos rios. As avós, mães e meninas, de vez em quando, iam para lá recolher alimentos para a comunidade. Mas dessa vez a Grande Avó foi sozinha.

Bem no meio da mata, encontrou uma pedra e ali se sentou, muito concentrada. E pensou, e pensou, e pensou...

Enquanto isso, na aldeia, as crianças, caladas, observavam as famílias, mas sempre tinham um tom interrogativo. Elas queriam saber por que as pessoas adultas choravam e ficavam tristes quando alguém morria. E por que às vezes o grande silêncio tomava as pessoas. Elas queriam a alegria de volta!

Na mata, a Grande Avó, sentada na pedra, começou a assoviar:

- fiuuuuú... fiuuuuú... fiuuuuú...

E vieram à sua memória dezenas de imagens. Ela se lembrou de um canto de pássaro que ouvia quando era criança. O canto era único e lindíssimo!

E, então, recordou-se que dentro de um toco de árvore bem grande estava escondido um canto antigo de pássaro que seus avós cantavam para ela e para a comunidade. Levantou-se da pedra, procurou o toco, vasculhou tudo e achou. Era o mesmo toco da sua infância, só estava mais velho. A Avó agachou ao lado dele e olhou, olhou e olhou, mas não encontrou nada. Dentro do toco só havia escuridão... (Potiguara, 2014, p.13).

A história continua apresentando o encontro com o grande pássaro na mata o reencontro com a ancestralidade, pois o pássaro representa a ligação com os ancestrais

Nesse instante, surgiu um pássaro de grandes asas, voando sobre sua cabeça. Era lindo! Um símbolo de beleza e amor no coração. O imenso pássaro começou a cantar a melodia de outrora e a bater as asas sobre a cabeça da Grande Avó, soltando penas verdes, amarelas, azuis e brancas. Era o pássaro gigante! Era o pássaro encantado, o pássaro ancestral! Era como se ele reconhecesse na Avó a Grande Mãe da Terra, aquela que tudo sabe e protege, a que tem a intuição como estrada e anda com a guerreira à sua frente contra qualquer perigo à sua espécie. É a mulher que detém o conhecimento da história daquele povo e que tem o dom de curar a todos: a mulher sábia! A mulher que todos respeitam! A Avó recolheu as penas do chão e mostrou o braço soberano para que o grande pássaro nele pousasse (Potiguara, 2014, p.18).

Depois, a narrativa apresenta o momento em que a avó retorna para a aldeia com o grande pássaro, esse movimento representa a necessidade de mostrar aos habitantes da tribo o grande achado, algo precioso e que deve ser compartilhado, ser honrado com todos, é a celebração da ancestralidade.

O pássaro, feliz, pousou no braço da anciã e ela o levou para a sua casa, a fim de mostrar a todos os que habitavam naquele lugar o grande achado, a preciosidade daquele momento: a ancestralidade de seu povo. As crianças, ansiosas, chamaram pela Grande Avó e perguntaram onde ela havia encontrado aquele maravilhoso pássaro colorido (Potiguara, 2014, p. 22.)

Após isso, a história nos mostra a alegria das crianças ao encontrar a avó com o grande pássaro. O livro destaca as crianças e a alegria que demonstram, pois para os indígenas, segundo Daniel Munduruku, nas crianças está a esperança, o ato de pular, brincar, correr e rir simbolizam o renascimento e renovação da vida comunitária e da cultura indígena e o futuro. Nas palavras de Munduruku, em entrevista à revista *Clube Quindim*, feita por Fernanda Tsuji, em 27 de fevereiro de 2023, “as crianças eram criadas por todos os pais da aldeia, então os ensinamentos iam se espalhando e se internalizando” (não p.). Essa questão aparece ao final da história:

E o pássaro, acenando com as asas, emitiu suavemente a linda canção. As crianças, ouvindo aquele canto, começaram a pular, a brincar. E riam...riam...riam... As mulheres, com as penas coloridas que caíam, fizeram cocares para colocar na cabeça e colares para o pescoço, para serem usados nas festas e em momentos de alegria.

- Por isso, crianças, vocês não devem se assustar com o canto do pássaro que chega de longe. De tempo em tempo, ele aparece para trazer aprendizado e alegria para vocês. É a ancestralidade do nosso povo, a nossa memória, os nossos costumes. Agora, vão brincar! (Potiguara, 2014, p. 24).

A história de Eliane Potiguara, *O pássaro encantado*, tem uma situação inicial de harmonia, que são os adultos ocupados com seus afazeres e as crianças brincando alegremente. Depois, há o conflito, que aborda o luto da perda do Grande Avô, que veio a falecer, uma figura muito importante para a tribo, pois era em quem encontravam as respostas para dificuldades que se deparavam, ele possuía os saberes os costumes do povo. O clímax se dá quando a avó, em luto, devido à morte do Grande Avô, percebe o clima de tristeza e desânimo que acometia os adultos e crianças, que já não brincavam mais. Então, parte para a floresta e, observando a natureza, recorda da infância e de seus antepassados e de um belo canto de pássaro, procura o local onde este ficava, o oco de uma árvore, e acaba encontrando o pássaro

grande, com penas coloridas, o Pássaro Encantado. Por fim, a situação final traz nova harmonia, visto que a avó, que agora representava a grande líder, retorna para a tribo com o pássaro que representava a sua ancestralidade, que tinha as respostas, e traz a alegria novamente aos adultos e às crianças, que vão dar continuidade a vida na tribo.

A figura da avó, para Eliane Potiguara, assim como para outros escritores indígenas, era importante, pois era ela que detinha o conhecimento e era responsável por repassá-lo. Na atualidade, a Literatura indígena pode desempenhar o papel de manter a cultura dos povos originários e divulgá-lo, pois, além de valorizar ela oportuniza a alteridade, ou seja, a possibilidade de o leitor colocar-se no lugar do indígena, vivenciar a sua maneira de pensar e de agir diante dos vários obstáculos que enfrentam no cotidiano.

A autora Julie Dorrico (2018) também propõe, em seus trabalhos, que a literatura indígena está associada ao lugar de fala, pois o indígena é a peça principal nas suas narrativas e este lugar de fala está representado a sua ancestralidade, que detinha o saber para transferir as novas gerações. Este lugar de fala, que é a sua ancestralidade, que se diverge e pertence a várias etnias, uma vez que, antes de serem brasileiros, são munduruku, potiguara, guarani, sateré-mawé, dessana, kambeba, sendo que essas diferenças são retratadas na literatura brasileira indígena por escritores e escritoras empenhadas em preservar e divulgar essas tradições e modos de viver diversos.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar a ancestralidade na obra *O pássaro encantado* (2014), de Eliane Potiguara. Para tanto, primeiro destacamos alguns elementos sobre a Literatura Infantil no Brasil. Depois, apresentamos como referencial teórico o livro *Literatura indígena brasileira contemporânea* (2018), organizado por Julie Dorrico, Leno Francisco Damer, Fernando Damer e Heloísa Helena Siqueira Correia. Do livro, destacamos o capítulo “Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária”, de Julie Dorrico.

Por fim, realizamos a análise do livro *O pássaro encantado* (2014), de Eliane Potiguara, buscando identificar como a ancestralidade se faz presente, como forma

de verificar como a Literatura Infantil é enriquecida com a pluralidade da produção literária indígena.

Em nossa análise, constatamos que a história de *O pássaro encantado* tem uma situação de conflito que é resolvida a partir da busca de elementos da natureza que faziam parte do passado. No entanto, para os povos originários, tais elementos possuem outro sentido, especialmente o pássaro que representa a ancestralidade, traz as respostas para dar continuidade, simboliza que algo bom está por vir, que tudo está em harmonia novamente. A história convida o leitor a refletir que se pensássemos e agíssemos de modo mais semelhante aos povos originários, que respeitam a natureza, os animais e, em especial, os pássaros, poderíamos ser privilegiados com um mundo de pessoas melhores, que buscam observar a natureza para encontrar as respostas para os desafios do mundo contemporâneo.

A leitura de um livro como esse é importante para crianças e adultos, porque grande parte do que vivenciamos hoje tem traços dos povos originários: os nossos alimentos, remédios, a nossa cultura, muitos costumes que estão presentes no nosso dia a dia. Fatos que não poderiam ser diferentes, pois estamos vivendo em locais que já foram terras indígenas.

Referências

DORRICO, Julie. **Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária.** - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

Disponível em:

https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf. Acesso em 01 nov. 2024.

DORRICO, Julie; DAMER, Lemo Francisco; DAMER, Fernando; CORREIA, Heloísa Helena Siqueira (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea.** - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em:

https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf. Acesso em 01 nov. 2024.

HAKIY, Tiago. **Literatura indígena - a voz da ancestralidade.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em:

https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf. Acesso em 01 nov. 2024.

MILAGRES, Leonardo; MANSUR, Rafaela. **Brumadinho: comunidade indígena às margens do rio atingido pela lama enfrenta mais um rompimento, o de rituais.** 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/01/26/brumadinho-comunidade-indigena-as-margens-do-rio->

atingido-pela-lama-enfrenta-mais-um-rompimento-o-de-rituais.ghtml. Acesso em 18 out. 2023.

RODRIGUES, Scheila Leal; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; SOUZA, Antonio Escandiel de; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; BASSO, Berenice Geschwind. **Literatura infantil: origens e tendências**. Seminário Internacional de Educação no Mercosul Anais [recurso eletrônico] do XVIII do Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL, VII Encontro Estadual de Formação de Professores, VI Curso de Práticas Socioculturais Interdisciplinares, III Mostra de Trabalhos Científicos do PIBID, II Mostra de Tecnologias na Educação à Distância Temática “Formação de Professores: Cenários, Significados e Práticas no Século XXI” de 08 a 11 de maio de 2018. Cruz Alta/RS: UNICRUZ, 2018. Disponível em:

<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/LINGUAGEM%20E%20DE%20SENVOLVIMENTO%20SOCIOCULTURAL/ARTIGOS/LITERATURA%20INFANTIL%20ORIGENS%20E%20TENDENCIAS.PDF>. Acesso em 18 out. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf. Acesso em 01 nov. 2024.

TSUJI, Fernanda. **Entrevista com Daniel Munduruku: o poder do entorno na criação dos filhos**. [s.l.]. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/daniel-munduruku-o-poder-do-entorno/>. Acesso em 31 out. 2024.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **Literatura Brasileira**. Textos literários em meio eletrônico. Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil. 1847 Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=29083>. Acesso em 11 nov. 2024.

WAYNA, Kambeba Marcia. **Literatura indígena: da oralidade à memória escrita**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf. Acesso em 01 nov. 2024.